



B5-383 Feiras de sementes em terras indígenas brasileiras

Dias, Terezinha, Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, terezinha.dias@embrapa.br;
Moraes, Clara, Universidade de Brasília, moraes.clara@gmail.com;
Castro, Larissa, Universidade de Brasília, larissadecastro11@gmail.com;
Maciel, M.; marciamacielmt@hotmail.com

Resumo

No Brasil, parte da população campestre é indígena, cerca de 305 povos que vivem em 12,5% do território. Praticam, de forma geral, uma agricultura tradicional baseada em conhecimentos ancestrais. Entretanto, em muitas terras indígenas a intensificação do contato interétnico tem ocasionado uma acelerada mudança alimentar com reflexos na saúde, em perdas da agrobiodiversidade e do conhecimento tradicional associado. O povo Krahô realizou no ano de 1997, de forma pioneira, a primeira feira de sementes tradicionais do Brasil, continuando nos anos posteriores realizá-las, totalizando nove Feiras. Elas motivaram diferentes povos que passaram a realizar em seus territórios estes encontros para troca de sementes e conhecimentos. São eles: Xerente (2007, 2008, 2009); Pareci (2010, 2011, 2012); Kayapo (2013), Povos Indígenas de Roraima (2012, 2013, 2014) e Xacriabá (2013). Este movimento do campesinato brasileiro indígena tem reafirmado a preocupação destes povos com a conservação das sementes tradicionais e com alternativas agroecológicas de fortalecimento da segurança alimentar e assim influenciado e contribuído para políticas como a de agroecologia e produção orgânica (PNAPO).

Palavras chaves

Relato de Experiência

Vivem em 12,5% do território Brasileiro 305 povos indígenas (817,9 mil índios), distribuídos em 505 terras indígenas (IBGE, 2010). Esta população é predominantemente de jovens e tem significativa concentração na Amazônia. A agricultura que realizam reflete o contexto de pluralidade étnica e de práticas culturais tradicionais aonde uma ampla diversidade de espécies agrícolas vem sendo manejada, adaptada e conservada *in situ/on farm* nos seus sistemas agrícolas tradicionais. O contato interétnico (entre indígenas e não indígenas), a fixação de grupos tradicionalmente nômades em territórios limitados e as consequentes mudanças alimentares, têm provocado uma forte perda da agrobiodiversidade e dos conhecimentos a ela relacionados. Por outro lado, em muitas terras indígenas as mudanças alimentares fomentadas pela ampliação do consumo de produtos industrializados tem se tornado cada vez mais comum, gerando novos problemas como doenças relacionadas à nutrição, destinação do lixo inorgânico e principalmente a substituição/perda de variedades agrícolas tradicionais, muitas delas fortemente relacionadas a importantes práticas culturais. Apesar destas ameaças à agrobiodiversidade tradicional estes povos apresentam uma resistência cultural ativa por meio de muitos agricultores que há décadas vem conservando agrobiodiversidade em seus roçados e estimulando as gerações mais novas a não perderem as sementes tradicionais, sendo eles verdadeiros Guardiões das Sementes.

Um caso muito emblemático no Brasil, relacionado à agrobiodiversidade indígena, aconteceu quando o povo Krahô, um povo (2.800 indígenas) habitante do bioma Cerrado, do estado do Tocantins, buscaram a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, acompanhados do técnico Fernando Schiavini, da Fundação Nacional do Índio – Funai. A história deste povo foi marcada pela perda de diversas variedades tradicionais e entre elas quatro tipos de milho, chamado por eles de Põhypeyakare, Põhypeytuce,



Põhypeytohrom ré, Põhypeycoxàti. Essas variedades relacionadas a práticas sociais importantes, na mítica indígena, vieram do céu pelas mãos de uma estrela mulher “Catxêkwy”, dando origem à agricultura. Em meados da década de 90, reunidos na União das Aldeias Krahô – Kapey, lideranças indígenas discutiram a perda destas variedades e decidiram resgatá-las. Com apoio da Funai, foram em 1994, ao banco de germoplasma da Embrapa e ali conseguiram sementes de suas variedades de milhos tradicionais. Estas variedades foram coletadas pela Embrapa, duas décadas antes, em terras do povo indígena Xavante que vivem no estado do Mato Grosso.

Motivados com o resgate de seus milhos, os Krahô decidiram realizar no ano 1997 a I Feira Krahô de Sementes Tradicionais para trocar sementes e conhecimentos. A partir de então o povo Krahô, por meio da Associação União das Aldeias Krahô - Kapéy, passaram a realizar periodicamente estas Feiras e a convidar mais agricultores Krahô para participarem e também agricultores e lideranças de outros povos (etnia). Dias *et al* (2014) apontou o crescimento do número de participantes nestas Feiras. Moraes *et al* (2014), analisando a IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais, relacionou 1000 participantes inscritos de diversas etnias entre elas: Kayapo, Kanela, Xerente, Krikati, Pareci, Guajajara, Guarani, Terena, Kaiwoá, Xavante, Krahô, Kaxinawá, Tapirapé, Hunikui, Bakairí, Javaé, Tempé e Kixhwá, totalizando 18 povos indígenas e mais uma comunidade quilombola (Kalunga). Estimou-se que entre inscritos e não inscritos participaram 2.000 indígenas. As Feiras Krahô têm contribuído para a disseminação de um espírito de rede entre os povos indígenas. Além de trocarem sementes, os povos participantes apresentam suas danças, cantos, histórias, artesanato, pinturas corporais e conhecimentos – o evento constitui, assim, um importante espaço de intercâmbios diversos e valorização cultural.

Esta experiência organiza e relata, de forma geral, o movimento de feiras indígenas no Brasil e sua relação com a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO que prima por estimular a organização destes espaços de troca de sementes e experiências.

Resultado e análise

Feira Krahô de Sementes Tradicionais -TO

A organização Kapey e parceiros como a Funai e Embrapa organizaram nove Feiras de Sementes Tradicionais que aconteceram a partir do ano 1997 e posteriormente nos anos 1998, 1999, 2000, 2002, 2004, 2007, 2010 e 2013. Nelas ocorreram trocas de variedades agrícolas tradicionais e também de conhecimentos associados a práticas agrícolas. Temas sobre gestão territorial, manejo de fauna e flora nativa e estratégias para promover a segurança alimentar foram amplamente discutidos entre os participantes. Além da participação de diversos agricultores e lideranças indígenas, participaram da Feira Krahô alguns curadores de bancos de germoplasma *ex situ* da Embrapa, situação que permitiu reflexões sobre a importância da integração das estratégias de conservação *ex situ* e *in situ* / *on farm*. Delegações de outros povos indígenas que participaram resolveram também fazer seus encontros de troca de sementes em seus territórios e aldeias. Assim as Feiras Krahô se constituíram em um marco motivador de diversas Feiras e encontro de agricultores indígenas para troca de sementes no Brasil. A figura 1 mostra as terras indígenas no Brasil e a Terra Indígena Krahô (FIGURA 1)

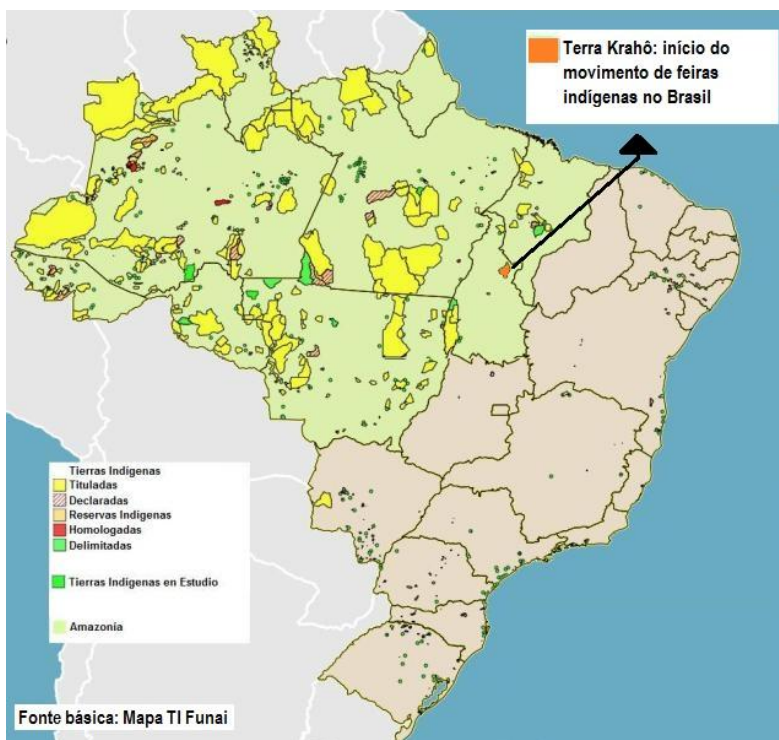


FIGURA 1. Terras Indígenas no Brasil e Terra Krahô onde aconteceram nove Feiras

Feira de Sementes do Povo Xerente - TO

Este povo indígena atualmente vive na margem direita do rio Tocantins, numa área de 183.542 hectares (junto à área do Funil), próximos à cidade de Tocantínia. Sua população é de 1.800 pessoas, distribuídas em 31 aldeias. Sua sobrevivência sempre veio da terra (agricultura em roça de toco, coleta de frutos) e do rio (pesca). Produzem e comercializam artesanatos com a população não indígena do entorno de seu território. Motivados nas Feiras Krahô no ano de 2007 realizaram sua I Feira de Sementes do Povo Xerente na aldeia Kritê. Posteriormente realizaram nos anos 2008 e 2009 a II e III Feira nas aldeias Funiu e Brupé. A feira atraiu especialistas de várias regiões do país e permitiu aprofundar o conhecimento da importância das sementes como forma de reafirmar a autonomia e sustentabilidade. Aconteceram trocas de sementes de plantas do Cerrado e apresentações culturais.

I Raiz, plantar e cultura: Intercambio de raízes e sementes das roças tradicionais do povo Paresi – MT

O povo Paresi se autodenomina Halíti, cerca de 2.005 pessoas, vivem em 60 aldeias em uma área de 1,3 milhões de hectares dividida em 10 Terras Indígenas localizadas nos chapadões do estado do Mato Grosso, região de ecótono entre biomas Cerrado e Amazônia (Maciel, 2010). O entorno deste território é muito antropizado com predominância de extensas áreas de monoculturas. Maciel (2010), estudando a agricultura Paresi, percebeu um empobrecimento da diversidade genética de seus roçados e, juntamente com a comunidade, sensibilizou, estimulou e organizou uma série de discussões e viagens de experiências dos indígenas. Entre estas viagens um grupo de indígenas da aldeia Paraíso participou da VIII Feira Krahô e retornando motivados resolveram realizar, no mesmo ano, a primeira feira para reintroduzir e trocar sementes. Assim passaram a realizar suas próprias feiras na aldeia Paraíso em 2010, 2011, 2012, chamada de “Raiz, planta e Cultura: intercâmbio de raízes e sementes das roças tradicionais, povo Paresi, MT”. Estas feiras têm colaborado na conservação da agrobiodiversidade local e regional e têm melhorado a qualidade da alimentação das famílias, aumentando a diversidade de espécies mantidas nos



roçados. Plantas como a araruta (*Maranta arundinaceae*), inhame (*Colocasia esculenta*), variedades de cará (*Dioscorea alata*) e, especialmente, o milho indígena ou milho fofo, como é denominado pelos Paresi, e que era considerado extinto do território há cerca de 50 anos voltou a ser cultivado. Essas plantas estão sendo cultivadas, multiplicadas e distribuídas através das visitas aos “parentes” ou durante as próprias feiras Paresi.

I Feira Mebengokré de Sementes Tradicionais - PA

O povo Kayapó, cerca de 8.580 indígenas, vivem nos estados do Mato Grosso e sul do Pará (IBGE, 2010). Lideranças Kayapó, da aldeia Moikarakô, sul do Pará, ao participarem no ano 2000 da VIII Feira Krahô se sentiram motivados e realizaram, no ano 2012, na aldeia Moikarakô a I Feira Mebengokré de Sementes Tradicionais. O encontro foi organizado pela Associação Floresta Protegida, com apoio de diversos parceiros, entre eles a Funai. Reuniram representantes de mais de 20 aldeias Mebengokré (Kayapó), dos parentes Metuktire do Estado do Mato Grosso e outros 16 povos indígenas. A feira buscou o fortalecimento da autonomia Kayapó por meio da valorização de seus sistemas produtivos, fomentando a circulação e recuperação de sementes tradicionais e um amplo intercâmbio cultural, com compartilhamentos de histórias, cantos, ritos, culinária e artesanato.

Feira Povos Indígenas de Roraima

Em 2012 o Centro Indígena de Roraima – CIR e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA no âmbito da INICIATIVA WAZAKAYE (projeto de pesquisa em andamento sobre sistemas agroflorestais) realizou a I Feira de Sementes Indígenas do Estado de Roraima no Centro Indígena de Formação e Cultura. Aconteceram apresentações de trabalhos científicos das escolas indígenas, trocas de sementes e artesanato, bem como plantio agroflorestal. Em 2013 e 2014 a II e III Feira de Ciência e Sementes tradicionais, respectivamente, visaram motivar a criação de uma rede de produção, fortalecimento e valorização por meio da troca de conhecimentos e saberes relacionados as sementes tradicionais.

I Feira de Sementes do Povo Xacriabá - MG

O povo Xacriabá habita o norte de Minas Gerais (MG) nas Terras Indígenas Xacriabá e Xacriabá Rancharia, localizadas no município de São João das Missões. Este povo é um dos poucos que habitam o estado de MG. A população é de aproximadamente 7.760 pessoas (IBGE, 2010). Possuem uma longa história de resistência e luta pela conquista e retomada de seus territórios. Atualmente buscam valorizar e fortalecer aspectos de sua cultura. Motivados a resgatar sementes antigas e garantir a segurança e soberania alimentar dos povos indígenas, realizaram em 2013 a I Feira de Sementes do Povo Xacriabá na Aldeia Vargem Grande, município de Itacarambi / MG, que contou com a participação de representantes de 15 aldeias. Além da troca de sementes, aconteceram rodas de debates sobre retomada de território, resgate e conservação da agrobiodiversidade e autonomia na produção de sementes tradicionais / crioulas.

I Feira do Encontro de Produtores Indígenas do Médio Purus (EPIMP) - AM

Em 2014 foi organizado na Terra Indígena Catitu município de Lábrea / AM, região do médio Purus, I Encontro de Produtores Indígenas do Médio Purus e nele uma Feira de Sementes. O evento foi resultado de antigos debates sobre produção indígena e se efetivou por meio da parceria entre a Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus / FOCIMP, Coordenação Regional do Médio Purus / Funai e Operação Amazônia Nativa / Opan. O Encontro reuniu representantes das aldeias da região do médio rio Purus para a troca de saberes e sementes. Aconteceram palestras, oficina de capacitação em artesanato para as mulheres, trabalhos em grupo por temas (roçados, castanha, seringa, pesca, artesanato, copaíba (*Copaifera sp*) e andiroba (*Carapa guianensis*) para óleos vegetais e

associações) e uma feira de troca de sementes tradicionais. O evento teve a participação de Getúlio Krahô, guardião das sementes tradicionais e que desde 1997 está à frente das feiras de troca de sementes Krahô. Ele foi convidado para palestra de abertura do evento, um singelo reconhecimento ao trabalho dos Krahô e parceiros como pioneiros e motivadores das Feiras de Sementes no Brasil.



FIGURA 2. Linha do Tempo das Feiras Indígenas no Brasil

A imagem acima (FIGURA 2) apresenta as Feiras Indígenas no Brasil em uma perspectiva temporal. Este movimento vem se fortalecendo, ocasião em que os povos indígenas trocam sementes e conhecimentos, permitindo que parceiros contextualizem políticas, planos e programas de apoio à agricultura indígena. Em especial as Feiras de Sementes dialogam com a diretriz do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) de valorização da agrobiodiversidade e dos produtos da sociobiodiversidade e estímulo às experiências locais de uso e conservação dos recursos genéticos vegetais e animais, especialmente aquelas que envolvam o manejo de raças e variedades locais, tradicionais ou crioulas.

Referencias bibliográficas

- Dias, T A.B.; Fonseca, M.A. J.; Barbieri, R.L.; Teixeira, F., F. Azevedo, S. G. Gene banks that promote on farm management through the reintroduction of local varieties in Brazil. In:Boeff, W. S.; Subedi, A.; Peroni, N.; Thijssen, M.; O`Keeffe, E. Community biodiversity management promoting resilience and the conservation of plant genetic resources. 2012. p.91 – 94. EntscanRoutledge.
- Dias, T.; Antunes, F.I.; Piovezan, U.; Freitas, O.R.; Maciel, M.; Bevilaqua, G.A.P.; Santos, R.N.; Feijo, T.C. Brazil: gene Banks and local seed guardian. In: Vernooy, R.; Shrestha, P.; Sthapit, B. Community Seed Banks: Origins, evolution an prospects. 2015. p. 80 – 85. EntscanRoutledge.
- IBGE, Censo 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>. Acesso em 22 de maio de 2015
- Maciel, M. R. A. Raiz, planta e cultura: As raças indígenas nos hábitos alimentares do povo Paresi, Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil / Márcia Regina Antunes Maciel. – Botucatu, [s.n.], 2010. vi,206 f.: il., tabs. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrônomicas, Botucatu, 2010.
- Moraes, C.; Castro, L.; Santos, N.; Figueiredo, T.; Santos, A.; Dias, T. Povos Indígenas e agrobiodiversidade: identificação dos participantes e variedades agrícolas da IX Feira Krahô de Sementes Tradicionais. Cadernos de Agroecologia, v. 9, n. 3; 2014.